

TRABALHADORAS BRASILEIRAS EM BOSTON

Ana Cristina Braga Martes *

O interesse em se compreender o papel das mulheres nos fluxos migratórios tem crescido significativamente a partir dos anos 70¹. Até então, os atores presentes nos processos migratórios eram tomados pela bibliografia como sendo quase exclusivamente do sexo masculino. A mulher aparecia apenas como parte da família que viajava com o marido e os filhos para outras terras. Apenas nos últimos vinte e cinco anos, deu-se início a discussões acerca do papel econômico cada vez mais significativo desempenhado pelas mulheres nos fluxos migratórios contemporâneos, assim como nas mudanças nas relações de gênero, alterações na identidade feminina e ajustamentos familiares advindos dos processos migratórios (Buijs, 1993; Acosta-Belém, 1995; Sassen e Pessar, 1995). Recentemente, pesquisas cada vez mais redimensionadas por enfoques interdisciplinares têm buscado compreender a redefinição do papel da mulher no mercado de trabalho nas economias globais (Simon e Brettel, 1986), as relações entre gênero, classe e etnicidade (Bilac, 1994), as relações entre gênero e mudança econômica (Repak, 1995), o papel da mulher na família imigrante (Somon e Bretell, 1986; Phizacklea, 1983; Morokvasic, 1983), etc.

A valorização deste "novo" ator: a mulher trabalhadora imigrante, levou os pesquisadores a correr atrás do tempo. Afinal, de 1930 a 1979, apenas nos Esta-

dos Unidos, 55 % dos imigrantes documentados eram mulheres. Ou seja, já nesta época o número de mulheres ultrapassava o de homens em mais de 1 milhão (Georges, 1990). É certo que uma parcela considerável destas mulheres foi atraída em função da reunificação familiar. Entretanto, muitas outras foram estimuladas, e continuam sendo, pela preferência da mão-de-obra feminina em detrimento da mão-de-obra masculina, em vários segmentos do mercado de trabalho, como por exemplo, nas indústrias de vestimentas e eletrônicos e no setor de serviços (Sassen, 1986; Cornellos, 1982). Este dado por si só comprova o papel cada vez mais proeminente das mulheres no mercado de trabalho internacional contemporâneo.

O objetivo deste artigo é analisar a inserção das mulheres brasileiras no mercado de trabalho na Área Metropolitana de Boston, Estados Unidos, com especial atenção às formas de acesso a este mercado (Margolis, 1992 e 1993; Sales, 1994; Soares, 1995). Convém salientar que o número de mulheres brasileiras que atualmente vivem na área é desconhecido², uma vez que a avassaladora maioria dos brasileiros encontra-se na situação de indocumentados³.

A maioria das brasileiras veio para esta região acompanhada dos maridos, namorados ou pais. Mas há um número cada vez mais significativo de mulheres que emigram sozinhas, sejam elas solteiras, viúvas ou divorciadas. As brasileiras que emi-

gram acompanhadas tendem a ter um papel de menor peso na decisão de migração. Elas influenciam, emitem suas opiniões e ajudam, mas na maioria dos casos, a "decisão final" cabe aos homens. A partir dos dados até agora coletados é possível levantar a hipótese de que o papel da mulher brasileira é mais marcante nas decisões de retorno (De Biaggi, 1993), uma vez que são elas, e não os homens, que mantêm fortalecidos os vínculos afetivos e familiares no Brasil, estimulando a volta de muitas famílias. De qualquer modo, as brasileiras fogem do papel atribuído pelos pesquisadores às mulheres latinas⁴, africanas e asiáticas, cujos comportamentos são descritos como **passivos** em relação às decisões de migração⁵. Migrar, para as mulheres brasileiras, não tem sido uma experiência vivida para "além do seu controle" como escreve Gina Buijs ao se referir às palestinas e vietnamitas.

É igualmente digno de nota, embora não seja este o tema deste artigo, o papel ativo que as mulheres brasileiras estão tendo na organização das comunidades brasileiras em Boston, seja nas diversas igrejas de língua portuguesa, seja como profissionais das redes de saúde e ensino bilíngue, dos meios de comunicação, ou ainda como líderes de organizações que representam os brasileiros em Boston. Brazilian Immigrant Center, Grupo de Mulheres Brasileiras e o Massachusetts Alliance Portuguese Speakers são exemplos destas organizações onde as brasilei-

ras assumem papel de destaque.

TRABALHOS E SALÁRIOS

A grande maioria das brasileiras⁶ que trabalha na Grande Boston, quando ainda vivia no Brasil exercia as seguintes profissões: bancárias (bancos privados); professoras primárias; secretárias de pequenas firmas; donas de casa e estudantes em escolas secundárias públicas ou em universidades privadas. A média salarial correspondente a tais profissões é de um a quatro salários mínimos, o que equivale a aproximadamente entre 100 e 400 dólares por mês. A partir dos dados colhidos em minha pesquisa, concluo que os brasileiros estejam ganhando nos Estados Unidos de 4 a 10 vezes mais do que ganhavam no Brasil. Isto significa que o diferencial de salários entre os dois países, ainda que não seja o único, é sem dúvida o grande atrativo.

Atualmente, nos Estados Unidos, os dois maiores grupos de ocupação no qual estão inseridos imigrantes de diversas nacionalidades são: operários e trabalhadores na área de serviços. Os imigrantes ocupam 40% dos empregos nestes setores, enquanto os nativos ocupam 30%. **A maior parte destes trabalhadores é do sexo feminino.** A média de vencimentos anuais individuais dos imigrantes é menor do que a média dos nativos: cerca de 66% dos imigrantes obtiveram vencimentos inferiores a 20 mil dólares no ano de 1989, comparados a 57% dos nativos. Mas a **renda familiar anual** é quase a mesma US\$ 37,2 mil para os imigrantes e para os nativos US\$ 37,3 mil, uma vez que as famílias de imigrantes são mais numerosas (Fix e Passel, 1995). Entretanto, entre os imigrantes não documentados a renda familiar média anual cai para US\$ 23,9 mil.

Os imigrantes brasileiros na Grande Boston estão alocados nos seguintes empregos, com as respectivas remunerações: **Construção Civil** (pintores ou pedreiros contratados por firmas) com remuneração de 7 a 15 dólares a hora; **Limpeza:** limpeza de chão de restaurantes, hotéis, supermercados e cinemas, com remuneração de 5 a 6 dólares a hora. Trabalhadores em lavanderias de asilos, hospitais e hotéis, com

remuneração de 5 a 6 dólares a hora. Faxineiras domésticas, com remuneração de 20 a 38 dólares a hora. **Indústria de Alimentação:** cozinheiro ou ajudante de cozinha em restaurantes e fast-foods, com remuneração de 6 a 8 dólares a hora. Bus-girl ou bus-boy (ajudante de garçom), com remuneração de 3 a 5 dólares a hora, pagos pelo restaurante, mais 10% a 15% das gorjetas do garçom. Garçom com remuneração de 2 a 3 dólares a hora, mais gorjeta. **Hostess** (o trabalhador que fica na frente da máquina registradora de lanchonetes tipo McDonald's), com remuneração de 6 dólares a hora; **Serviços de entrega:** entregador de pizza, com remuneração de 5 a 6 dólares a hora, mais gorjetas. Entregador de jornais, com remuneração de 10 dólares a hora (dependendo da rota e quantidade de jornal).

ACESSO

Quando se analisa o acesso dos imigrantes ao mercado de trabalho é importante considerar: grau de conhecimento da língua inglesa, documentação e qualificação profissional⁷. Com exceção da área de limpeza doméstica, há basicamente duas formas de acesso à informação de vagas disponíveis de emprego: os anúncios de jornais ou informações veiculadas a partir dos próprios locais de trabalho. Em geral os trabalhadores de uma determinada firma se encarregam de veicular as vagas de emprego disponíveis nas firmas onde trabalham, através das redes de amizade, familiares e religiosas.

Nos empregos acima mencionados o Social Security Number é o único documento requerido pelo empregador, com exceção da faxina doméstica. O empregador também exige a referência de um expatão ou de um de seus empregados. Nos empregos mais áduos e com maior rotatividade (lavador de pratos e limpeza em asilos, por exemplo) não é necessária a indicação.

O não domínio da língua inglesa dificulta o acesso ao mercado de trabalho e torna o próprio acesso um bem valioso e escasso. Se o imigrante não fala inglês, ele tem que contar com a ajuda de alguém. Nesse sentido há várias manifestações de solidariedade aos recém-chegados, por

parte daqueles brasileiros que já estão nos Estados Unidos há mais tempo. Entretanto, dependendo do emprego, o acesso é **cobrado**.

O acesso ao mercado de trabalho é diferenciado entre os que trabalham na faxina doméstica e os demais trabalhadores, pois para os primeiros o acesso se dá mediante a compra. Tal "mercado" funciona da seguinte maneira. Uma faxineira que trabalha em várias casas (geralmente limpam duas casas por dia, ou seja, 10 casas por semana) decide "vender" as casas nas quais trabalha, porque está voltando para o Brasil (este é, geralmente, o principal motivo pelo qual se dá a transação). Tal informação é divulgada através das redes de amizade, familiares, religiosas, vizinhança, etc. O preço estabelecido representa, em média, o equivalente a três meses de trabalho nas casas. Quando aparece uma compradora, a vendedora comunica à dona da casa que está deixando o emprego, mas que tem uma amiga brasileira que poderá substituí-la. Caso a empregadora concorde em conhecer a amiga, ela se compromete explicar-lhe o serviço. Assim, a dona da casa poderá avaliar se o trabalho realizado pela candidata é satisfatório. Esta "transição" é feita num período equivalente a um mês, em média, tempo suficiente para que a dona da casa e a candidata tenham os primeiros contatos e entendimentos. Caso a dona da casa aceite "contratar" a candidata, o que geralmente acontece, a casa é então "vendida" em **cash**. A partir deste momento, o negócio está feito e não há retorno, mesmo que a nova faxineira seja dispensada em poucos dias. Ainda que a venda ocorra sem que a dona da casa tenha qualquer conhecimento, tal "mercado" funciona de maneira bastante eficiente.

A barreira da língua é um dos fatores que levam os imigrantes brasileiros a vender e comprar posições de trabalho. São raros os brasileiros que têm domínio da língua inglesa, o que, como já mencionamos, dificulta o acesso ao mercado de trabalho. Mas o principal fator para tal mercantilização decorre do fato de que em Boston a faxina é encarada pelos brasileiros como um **business**, e a imigração é considerada uma **opção de investimento**⁸, uma vez que a grande maioria parte para a



Foto: Bonifácio Manuel

Grupo de Mulheres brasileiras em Boston

“América” com a intenção de retornar ao Brasil com o dinheiro que economizou e montar um negócio. A faxina é o ramo melhor remunerado a que os brasileiros têm acesso. Em contrapartida é o que tem menor oferta de trabalho.

A ESCALADA

Ao chegar nos Estados Unidos, os imigrantes brasileiros entram no primeiro emprego que encontram pela frente e, em poucos meses, acumulam outros trabalhos. Há uma espécie de escalada profissional que embora possa parecer irrisória para quem observa de fora, trata-se de um difícil caminho a percorrer. Tal trajetória de empregos significa uma ascensão, talvez a única possível para eles, dadas as condições em que vêm para cá: sem documentos, sem falar inglês e sem qualificação profissional.

As mulheres recém-chegadas do Brasil

geralmente vão trabalhar em limpeza de hotéis, asilos ou hospitais, ou ainda como ajudante de limpeza doméstica com as outras brasileiras que já possuem casas para trabalhar. Elas permanecem pouco tempo nesses empregos (cerca de alguns meses). Rapidamente conseguem outro melhor remunerado e menos “duro”. O próximo passo é trabalhar na cozinha de um restaurante, como entregadora de jornal ou pizza, ou ainda de balconista numa lanchonete tipo **Dunkin Donuts** ou **McDonald's**⁹, ou mesmo trabalhar como bus-girl¹⁰. Estes empregos funcionam como “trampolins” para o passo seguinte, que exige referência, capital para investimento e maior contato com a língua inglesa.

O passo seguinte é o de “comprar casas”. O ramo da limpeza doméstica é cada vez mais valorizado tanto pelas mulheres quanto pelos homens. Há muitos casais trabalhando juntos como faxineiros, pois ser faxineiro significa que a pessoa come-

çou a “fazer dinheiro na América”. O tempo necessário para preencher todos os horários disponíveis na semana varia de um a dois anos. Por isso muitos brasileiros chegam a trabalhar nos três períodos do dia, além dos fins de semana, para conseguir comprar um bom “lote de casas”.

BUSINESS

No Brasil, assim como nos Estados Unidos, conceber a faxina doméstica como um business soaria demais extravagante. Afinal, como um trabalho desqualificado, mal remunerado e com tarefas consideradas “pouco nobres”, pode ser visto como um negócio? Para os brasileiros em Boston, entretanto, a faxina doméstica é tida como um ótimo negócio. Não por acaso, “comprar casas” significa um investimento altamente vantajoso para o comprador. O depoimento a seguir ilustra as vantagens de se trabalhar no ramo da faxina, vanta-

gens estas também reconhecidas pelos demais:

"Dizem que a venda começou através do pessoal de Valadares: eles vendem emprego. As primeiras casas que eu consegui, eu comprei. Paguei o equivalente a dois meses de trabalho por cada casa. É este o preço, não tem outro jeito. Para você entrar nas primeiras casas e adquirir confiança tem que ser através de alguém. Eles te indicam como se você fosse amigo dele, mas não é. Se eu for embora eu vendo do mesmo jeito que eu comprei. Tem pessoas que vendem até informação de emprego. Eu paguei 1,6 mil dólares pelas casas, o que não era muito. Eu acho que foi um ótimo investimento. Hoje eu tenho 15 casas".

A idéia da faxina como um business decorre - além da maior remuneração, se comparada aos salários dos demais empregos disponíveis - da condição de se sentirem trabalhadores autônomos, **que não têm chefe nem patrão, mas sim clientes.** Ademais, o serviço pode ser feito subtratando-se um ou mais ajudantes:

"Atualmente eu tenho (precisou contar) de 35 a 40 clientes, porque trabalho com uma ajudante.

P: Você acha que este é um bom emprego?

R: *Uma professora aqui não ganha a terça parte do que nós ganhamos. Secretária aqui ganha muito mal e com todos os descontos. Cobro de 15 a 25 dólares a hora de trabalho. Um apartamento de dois quartos, eu cobro entre 45 a 55 dólares. Tenho casa de um a oito banheiros, mas média tem três banheiros e três quartos. Isso dá 60, 65 dólares. Eu fico 2 horas quando vou com ajudante... pago a ela 15 dólares por casa. Tenho duas ajudantes fixas e duas que vão quando as fixas não podem."*

Além da compra das casas há outros dois requisitos necessários para entrar no ramo da faxina: ter seu próprio carro (e portanto a carteira de habilitação¹¹), uma vez que para alcançar um bom nível de rendimentos é necessário que a pessoa trabalhe em pelo menos duas casas por dia, e fale um pouco de inglês, pois precisa se comunicar com a dona da casa, que é

americana.

Casais que trabalham juntos podem chegar a ganhar até 4 mil dólares por mês, limpando pelo menos duas casas por dia. Os rendimentos são, portanto, razoáveis, mesmo para os padrões americanos. Faxineira é a profissão mais rentável para a avassaladora maioria dos brasileiros, inclusive porque os clientes não descontam nenhum imposto no pagamento¹². Quem entra neste ramo raramente desiste dele, exceto quando volta para o Brasil¹³.

CONCLUSÃO

Por que os brasileiros valorizam a faxina doméstica em Boston, ainda que muitos deles tenham tido suas próprias faxineiras quando ainda moravam no Brasil? A valorização decorre, em primeiro lugar, do valor dos rendimentos. Entretanto, boa remuneração também dá dignidade, especialmente quando no país de origem do imigrante os salários estão num patamar tão baixo como no Brasil. Ademais, a maioria deles pretende voltar para o Brasil e quanto mais depressa juntar dinheiro, mais rapidamente poderá fazê-lo. O caráter temporário da permanência na América e a dissociação que daí decorre entre o status do trabalhador imigrante no país de destino e no país de origem é, portanto, parte importante da explicação, tal como enfatiza Michael Piore (1979) quando analisa os demais grupos imigrantes da América. Mas é preciso considerar ainda outros aspectos, tais como: a diferença do significado entre ser faxineira no Brasil e ser faxineira nos Estados Unidos. Os entrevistados dizem que no Brasil jamais se submeteriam a este tipo de trabalho. Isto porque, em Boston, além da boa remuneração e da idéia de "business", já referidas, a **natureza do trabalho**¹⁴ e as **relações entre patrão e empregado** levam os imigrantes brasileiros a valorizarem a faxina nos Estados Unidos:

"Sou doméstica. As pessoas desvalorizam as domésticas no Brasil. Não respeita. Aqui, não. Sou tratada como uma pessoa importante para a família. De confiança. Me entregam a casa com a chave, jóias, dinheiro exposto. No Brasil não confiam. No Brasil meu salário era tido como bom. Mas quan-

do chegava o aumento dos alugueis, eu tinha que pedir dinheiro para meu irmão para comprar comida até... Eu não me incomodo de trabalhar numa coisa inferior ao que eu fazia no Brasil. Não sei se é porque eu acho que não poderia estar fazendo coisa melhor ou se eu dou muito valor ao que eu faço. Vejo pessoas trabalhando em escritório, têm permissão de trabalho, falam bom inglês e ganham 200 dólares por semana. Eu trabalho para mim, não sou empregada de ninguém."

Assim como esta entrevistada, a maioria das faxineiras que entrevistei valorizam a relação patrão-empregado que estão vivenciando nos Estados Unidos como sendo respeitosa: uma relação de necessidade do patrão que atribui importância ao empregado. O empregador tem confiança no empregado, dispensa-lhe um bom tratamento e assegura-lhe uma remuneração digna. Outros entrevistados acentuam o caráter mais formal do tratamento a eles dispensado pelos empregadores americanos. Mesmo neste caso, tal formalidade, que implica num distanciamento, pode ser interpretada com profissionalismo, característica totalmente ausente nas relações entre faxineiras e patroas no Brasil, segundo os entrevistados.

Por todas as razões aqui apresentadas, ainda que os brasileiros estejam realizando trabalhos rejeitados pelos próprios americanos e ainda que não tenham visto de permanência legal nos Estados Unidos, a maioria de meus entrevistados sente mais dignidade como trabalhadores imigrantes não documentados nos Estados Unidos, do que como trabalhadores no Brasil, país no qual, embora sejam cidadãos, se sentem excluídos do exercício da cidadania:

"... Eu sou faxineira aqui, mas quando eu chego na casa da pessoa onde eu trabalho, eu sou uma pessoa importante da casa. Os meus patrões me tratam com muito respeito. Quando eu penso que vou para o Brasil, que o médico vai me tratar mal, se você fala que é faxineira eles fazem você esperar o dia todo... Isso é revoltante!"

* Ana Cristina B. Martes é Doutoranda em Ciência Política na Universidade de São Paulo (USP) e Visiting Scholar no Massachusetts Institute of Technology.

NOTAS

1 - Este artigo baseia-se nos dados levantados em minha pesquisa de doutoramento sobre os imigrantes brasileiros na área Metropolitana de Boston, realizada durante os anos de 1994, 1995 e 1996.

2 - No início do movimento migratório entre Brasil e Boston em meados da década de 80, o número de brasileiros do sexo masculino era bastante superior ao do sexo feminino. Atualmente, no entanto, a proporção entre os sexos não parece ser mais tão favorável aos homens.

3 - Segundo a Arquidiocese de Boston, há 150 mil brasileiros no Estado de Massachusetts, mas este número parece estar bastante superestimado.

4 - As mulheres da América Central têm maior autonomia no processo migratório que as mexicanas e dominicanas. Estas últimas tendem a emigrar para os Estados Unidos depois do homem (pai ou marido), com o objetivo de reunificação familiar (Grasmuck e Pessar, 1991).

5 - Alguns autores, tais como Massey, 1990, e Tilly, 1990, vêem os movimentos migratórios recentes como fruto de decisões comunitárias e familiares e não decisões individuais, tal como proposto pela teoria "push and pull". Entretanto, como se dão as decisões familiares? É necessário considerar a possibilidade de haver conflitos e diferenças de grau de poder de decisão entre os membros de uma mesma família.

6 - Este artigo está centrado na maioria das mulheres trabalhadoras. Há um número considerável de brasileiras que trabalham como profissionais nas áreas de comunicação, saúde e educação pública, etc., mas mulheres que possuem grau universitário e que, portanto, representam apenas uma pequena parte dos brasileiros que moram em Boston.

7 - Outros fatores são: meio de transporte para o trabalho e local de moradia. Geralmente o imigrante compra um carro assim que obtém as primeiras economias. Isso lhe permite ampliar as possibilidades de trabalho, pois reduz as barreiras de locomoção. Quanto ao domicílio, uma vez que possui carro, ele opta por morar onde já existem brasileiros, ou bairros com aluguéis mais acessíveis.

Foto: Bonifácio Manuel



8 - No meu entendimento, a migração dos brasileiros é caracterizada como uma opção de investimento, de baixo risco e de caráter temporário.

9 - É interessante observar que o vocabulário necessário para se comunicar com o cliente é muito limitado nestes serviços, uma vez que o cardápio é totalmente padronizado e pouco diversificado.

10 - Trabalhadores que limpam as mesas antes dos clientes se sentarem e recolhem os pratos quando os clientes terminaram as refeições.

11 - Observa-se que está sendo cada vez mais difícil a obtenção da carteira de motorista em Massachusetts, que é o documento mais requisitado nos Estados Unidos, uma espécie de cartão de identidade.

12 - O que, por outro lado é desvantajoso, uma vez que não há nenhum tipo de segurança ou benefício trabalhista.

13 - Encontrei apenas dois casos de mulheres brasileiras que, por terem se casado com americanos, abandonaram a limpeza doméstica a pedido de seus maridos, que não queriam ver suas esposas num tipo de emprego socialmente desvalorizado.

14 - Em Boston, uma faxineira tem tarefas bem estabelecidas: passar aspirador de pó (ou varrer), limpar banheiros e a cozinha (com produtos que permitem uma limpeza a seco) e tirar pó dos móveis. No Brasil uma faxineira faz o trabalho que a patroa especificar, e que pode incluir lavar e passar roupas, fazer comida, etc. O trabalho nos Estados Unidos é, portanto, considerado muito mais fácil.

BIBLIOGRAFIA

- ACOSTA-BELÉM, E. e Bose, Christine - orgs.
(1995) *Women In The Latina American Development Process*. Philadelphia, Temple University Press.
- BILAC, Elizabeth.
(1995) *Gênero, Família e Migrações Internacionais*. Campinas, NEPO.
- BUIJS, Gina.
(1993) *Migrant Women*. Oxford: Berg Publishers Limited.

Comércio de brasileiros em Allston - Grande Boston.

CORNELLIOS, Wayne.
(1982) "Interviewing Undocumented Immigrants: Methodological Reflections Based on Fieldwork in Mexico and the U.S". In: *International Migration Review* 16(2): 378-411.

De BIAGGY, Silvia.
(1993) "From Minas to Massachusetts: a Qualitative Study of Five Brazilian Families", apresentada na Boston University, Departamento de Psicologia.

GEORGES, Eugenia.
(1990) *The Making a Transnational Community: Migration, Development and Culture Change in the Dominican Republic*. New York, Columbia University Press.

GRASLUK S. e PESSAR, P.
(1991) *Between Two Islands*. Philadelphia, Temple University Press.

KRITZ, Mary, KEELY Charles, and TOMASI, Silvano.
(1981) *Global Trends in Migration*. New York: Philadelphia, Center for Migration Studies.

MARGOLIS, Maxine, (1992)
"Women in International Migration, the case of Brazilian, paper presented at the research conference" *Changing Perspectives on Women in Latin America and Caribbean*, New York, New York University.

MARGOLIS, Maxine
(1993) *Little Brazil*. Princeton, University Press.

MOROKVASICK, M.
(1983) "Women in Migration: Beyond the Reductionist Outlook" in: A. Phizacklea (ed.), *One Way Ticket: Migration and Female Labour*, London: Routledge & Kegan Paul.

PASSEL, J e FIX, M.
(1994) *Immigration and Immigrants*. Washington, The Urban Institute.

PIORE, Michael.
(1979) *Birds of Passage: Migrant Labor and Industrial Societies*. New York, Cambridge University Press.

REPACK, Terry.
(1995) *Waiting in Washington*. Philadelphia, Temple University Press.

SALES, Teresa.
(1994) *O Trabalhador Brasileiro no Contexto das novas Migrações Internacionais*. In: Seminário Emigração e Imigração Internacionais no Brasil Contemporâneo, Campinas (mimeo).

SANJEJEK, R. e COLEN, S. (eds.).
(1990) *At Work in Homes: Household Workers in World Perspective*. Washington D.C. AES Monograph Series.

SASSEN, Saskia.
(1988) *The Mobility of Labor and Capital*. New York, Cambridge University Press.

SASSEN, S. e PESSAR, P.
(1995) "Recasting Women in the Global Economy: Internationalization and Changing Definitions of Gender". In: ACOSTA-BELÉM, E. e Bose, Christine (orgs.) (1995) *Women In The Latina American Development Process*, Philadelphia, Temple University Press.

SIMON, Rita e Brettel, Caroline (eds.)
(1986) *International Immigration: The female experience*, Totowa, NJ, Rowman & Allanhead.

SOARES, Weber.
(1995). "Emigrantes e Investidores: Redefinindo a Dinâmica Imobiliária na Economia Valadarense", Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

TILLY, Charles.
(1990) *Reconsidered Transplanted Networks*. In: Yans Maclaghlin, Virginia. *Immigration*. Oxford, New Oxford University.